

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.
O Trabalho no século XXI. Mudanças, Impacto e Perspectivas.

**O TRABALHO E O SOFRIMENTO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS
MOTOFRETISTAS**

Stela Cristina de Godoi

GT 18 – Psicología Social del Trabajo em América Latina: identidade y procesos de
subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos em lo
cotidiano

RESUMO SIMPLES

O trabalho e o sofrimento a partir da experiência dos motofretistas

Por meio da metodologia da história oral, este estudo se dedicou ao entendimento do processo de formação dos motofretistas de Campinas-SP enquanto parte da *classe-que-vive-do-trabalho*, buscando compreender a sua forma de exploração/dominação no contexto de disseminação dos arranjos de empregos flexíveis. A análise das condições objetivas e subjetivas de trabalho no interior do sistema de dominação capitalista-patriarcal a que estão submetidos estes(as) trabalhadores apontaram para um conjunto de impactos sobre sua saúde física e psíquica. O sofrimento de ordem física, ligado a violência do trânsito, e aquele de ordem psíquica gerado pelo processo de *compressão psico-corporal*, marcam a experiência destes personagens caricatos da modernidade capitalista da atualidade, constituindo uma “comunidade de sofrimento” que sustenta a união dessa categoria profissional.

RESUMO EXPANDIDO

O trabalho e o sofrimento a partir da experiência dos motofretistas

Eles estão por toda parte das grandes cidades do país, nas ruas, avenidas, rodovias, estacionamentos públicos, filas de bancos e cartórios. Trabalham no espaço ampliado da produção capitalista, em espaços que até duas décadas atrás não se constituíam em lócus privilegiado da produção de valor, os espaços de circulação das cidades, da cidade *fabricalizada* (FERRARI, 2012). Eles são os “motoboys”, trabalhadores e algumas poucas trabalhadoras que apenas muito recentemente (Lei nº 12.009/2009) ganharam o nome de motofretistas.

Sua função é realizar o transporte de mercadorias e documentos utilizando suas motocicletas, recompondo, deste modo, os elos da produção capitalista cindidos pela reestruturação produtiva que externalizou parte da produção em nome de um ideário de fábrica *enxuta, limpa e silenciosa*. Esses(as) trabalhadores(as) sobre duas rodas são, portanto, o elo entre fornecedor e cliente que assegura a atual logística da acumulação, caracterizada pelo processo de compressão do espaço pelo tempo. São os elos da produção *just in time*.

Então, para além de sua função oficial, de transporte de mercadorias e documentos, seu papel social é acima de tudo viabilizar a aceleração do processo de produção-distribuição-troca-consumo. Assim, o que se espera deles é velocidade e por isso eles têm pressa. Portanto, seu modo de trabalho é a caricatura, frequentemente renegada pela sociedade, de uma sociabilidade hostil e desgastante, fundada na sincronização alienante ao tempo, cada vez mais curto, da realização da mais-valia.

São, por um lado, vistos como um “exército da salvação”, a manter esses verdadeiros estoques em movimento, em que se constituem a malha viária hoje, funcionando em meio a um trânsito saturado de veículos. Mas, por outro lado, são considerados “visitantes indesejados”, “mal necessário”, por supostamente tornarem o trânsito mais estressante e agressivo. Deste modo, tendo em vista seu caráter polêmico e a sua capacidade de representar os elementos contraditórios da sociabilidade contemporânea, despertando a atenção para as condições insalubres que marcam a vida urbana de modo geral, este estudo se propôs a compreender os traços gerais que definem a forma de exploração capitalista dos motofretistas.

Para tanto, diante desse objetivo a pesquisa se debruçou especificamente sob o universo social da cidade de Campinas para, através da reunião dos elementos concretos sobre a atividade do motofrete nessa cidade com aqueles levantados por outros estudos sobre essa categoria em outras regiões, chegar ao entendimento dos contornos que definem a forma de ser da exploração e da dominação destes trabalhadores no atual cenário urbano.

Portanto, as definições de Thompson (1981) para *formação social* da classe – como um processo de *fazer-se* estruturado e estruturante – e de Antunes (2000) para *classe-que-vive-do-trabalho* – como uma noção ampliada de classe trabalhadora – são as bases teóricas sob as quais se assentou toda a reflexão teórica que se fez sobre a formação dessa categoria em Campinas e sobre os traços gerais que definem a forma de exploração e de dominação dos motofretistas. Pressupôs-se que as relações de produção distribuíam as pessoas em situações de classe, mas considerou-se que só por meio de uma noção ampliada de classe trabalhadora torna-se possível assegurar a validade teórica deste conceito de origem marxiana para o entendimento do quadro social da contemporaneidade (ANTUNES, 2000).

Deste modo, partindo destes importantes fundamentos teóricos, por meio da aplicação de um conjunto de procedimentos de pesquisa orientados pela metodologia da história oral, a pesquisa coletou entrevistas e outras fontes primárias de dados, que acabaram precipitando outro elemento acerca da experiência desses trabalhadores sobre duas rodas que tornou necessário inseri-los numa versão da história que comportasse não só os antagonismos de classe, mas que desenvolvesse uma análise sobre esse ramo dos transportes na interface da divisão social e sexual do trabalho, haja visto a constatação de que na organização do trabalho do motofrete, vem se empregando um discurso fortemente sexista (HIRATA, 2002).

Após se analisar o processo de formação e de exploração destes trabalhadores de quem se espera realizar a aceleração do *tempo* definido como *certo*, chegou-se ao resultado geral de que as condições de vida e trabalho por eles enfrentadas produzem efeitos adversos para sua saúde física e mental. Percorrendo a cidade experimentam a quase completa perda de autonomia sobre o tempo. Sofrem preconceito e sentem o peso do estigma de “loucos” e “imprudentes”. São vistos como agentes da irritação alheia e de perigo no trânsito. A reclamação mais generalizada a respeito de sua atuação são os episódios de “quebra de retrovisores” e do “socorro impulsivo” a colegas acidentados.

No entanto, questionou-se se o que move esses trabalhadores das ruas a assumirem tais posturas, definidas pela opinião pública como agressivas, sejam motivações individuais de passionalidade ou de indisciplina, uma vez que o seu ritmo e modo de trabalho se constituem em uma cadência definida pelo mundo do trabalho da atualidade.

O novo tipo de consentimento construído pelo toyotismo pressupõe uma sociedade com indivíduos condicionados a permanecer em sincronia constante com ritmos externos de trabalho (FERRARI, 2012). Conforma, portanto, um novo tipo de subjetividade moldada pela máxima: *Right man in the righth place, on the right time*, a qual é caricaturalmente representada nas exigências feitas aos motofretistas na contemporaneidade.

Para explicar essa dimensão da produção *just in time* que se transborda para a vida interior do sujeito, Alves (2005) cunhou um conceito que contribuiu para o entendimento do desgaste psíquico que decorre das condições de trabalho enfrentadas pelos motofretistas nas cidades *fabricalizadas*. Em uma reflexão sobre o impacto da compressão do tempo e do espaço na organização do tráfego corpo-mente, Alves (2005) se refere a um processo de *compressão psicocorporal* como uma forma de moldamento do corpo rígido do taylorismo-fordismo para a “flexibilidade” do toyotismo mantendo, ao mesmo tempo, esse corpo útil ao novo modo de produção e alargando o raio de ação do sofrimento do trabalho por meio de seu deslocamento para a mente.

Assim, buscando aprofundar o entendimento deste mecanismo de *compressão psicocorporal* é importante chamar a atenção para os dois elementos ontológicos que compõe esse binômio sugerido no conceito: corpo e psique. O corpo, “elemento ineliminável do sujeito” (ALVES, 2005), pressupõe uma materialidade que ocupa lugar no espaço. Por sua vez, o tempo é a “a condição ontológica do psiquismo” (KEHL, 2009).

Deste modo, o acirramento da compressão do espaço pelo tempo não poderia deixar de ter impactos acentuados sobre a vida psíquica dos sujeitos, como mostram não só os relatos dos trabalhadores entrevistados, mas também a própria epidemia social de depressão e outras formas de mal-estar emocional da civilização contemporânea. A organização toyotista da produção e da vida social amplia o sofrimento para a mente, uma vez que abala justamente a qualidade da experiência do tempo (KEHL, 2009). Ou seja, na medida em que essa temporalidade contemporânea, vivida como pura pressa, atropela a duração necessária para o exercício do compreender, é possível se ter a

dimensão do sofrimento que a exigência de execução das tarefas no menor tempo causa sobre os motofretistas, lhes impulsionando para a morte, do corpo e da mente.

Assim, diante da imersão de toda a sociedade nessa relação brutal com o tempo, que promove um processo de banalização da morte no seu sentido mais abrangente, os motofretistas buscam na solidariedade entre seus iguais um refúgio. Os inúmeros episódios de mútuo socorro em situações de acidentes ou conflitos no trânsito, que são tão característicos da experiência de classe dessa categoria, se constituem, portanto, numa resposta a este cenário de insegurança, solidão e sofrimento psíquico que aflige de modo muito intenso estes trabalhadores.

A atitude corporativa, e por vezes agressiva, dos motofretistas em seus enfrentamentos nas trincheiras da cidade, que incomoda a sociedade e indigna a opinião pública, deve ser entendida como uma compensação psíquica necessária para suportar viver um tempo que auto-disciplina o corpo e o espírito para o consentimento ao próprio sofrimento, que fragmenta a luta política em busca de melhores condições de trabalho e que, sobretudo, corrói o tempo, do qual depende a qualidade do tráfego corpo-mente.

Deste modo, este estudo forneceu importantes pistas para se refletir, a partir da experiência destes novos personagens das ruas da cidade, a relação entre a *indiferença*, como particularidade da individualidade no capitalismo, e a resistência a esse *sujeitamento* do ser à lógica capitalista definida pelo estranhamento, apontando para brechas emancipatórias a esse sistema social (SILVEIRA, 1989).

A análise da afirmação generalizada dos motofretistas de que são uma categoria muito unida no seu cotidiano de trabalho, levou a conclusão de que essa identidade coletiva característica deste grupo profissional se sustenta, sobretudo, pela experiência de compartilhar o sofrimento. Ou seja, a solidariedade brota da consciência de haver um sofrimento em comum que pode ser compreendido e sentido apenas por eles. Assim, entre a *reificação* e a *auto-definição* do ser, essa “comunidade do sofrimento” permitiu a constituição de subjetividades marcadas por traços de resistência ao moldamento de uma individualidade *indiferente* característica do sistema capitalista.

Deste modo, pode-se concluir que este estudo sobre a formação e a exploração dos motofretistas no contexto da acumulação flexível do capital, além de ter permitido adentrar o mundo do trabalho deste exército de trabalhadores que em última instância obedece à cadência da realização da mais-valia, possibilitou também um mergulho autorreflexivo que levou ao entendimento de uma determinação social fundamental do

mal estar que aflige a sociedade como um todo, a destruição do elemento ontológico do psiquismo, o tempo.

Referências Bibliográficas

ALVES, Giovanni. Trabalho, corpo e subjetividade: Toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p 409-428, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

FERRARI, Terezinha. **Fabricalização da cidade e ideologia da circulação**. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

THOMPSON, Edward. P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.